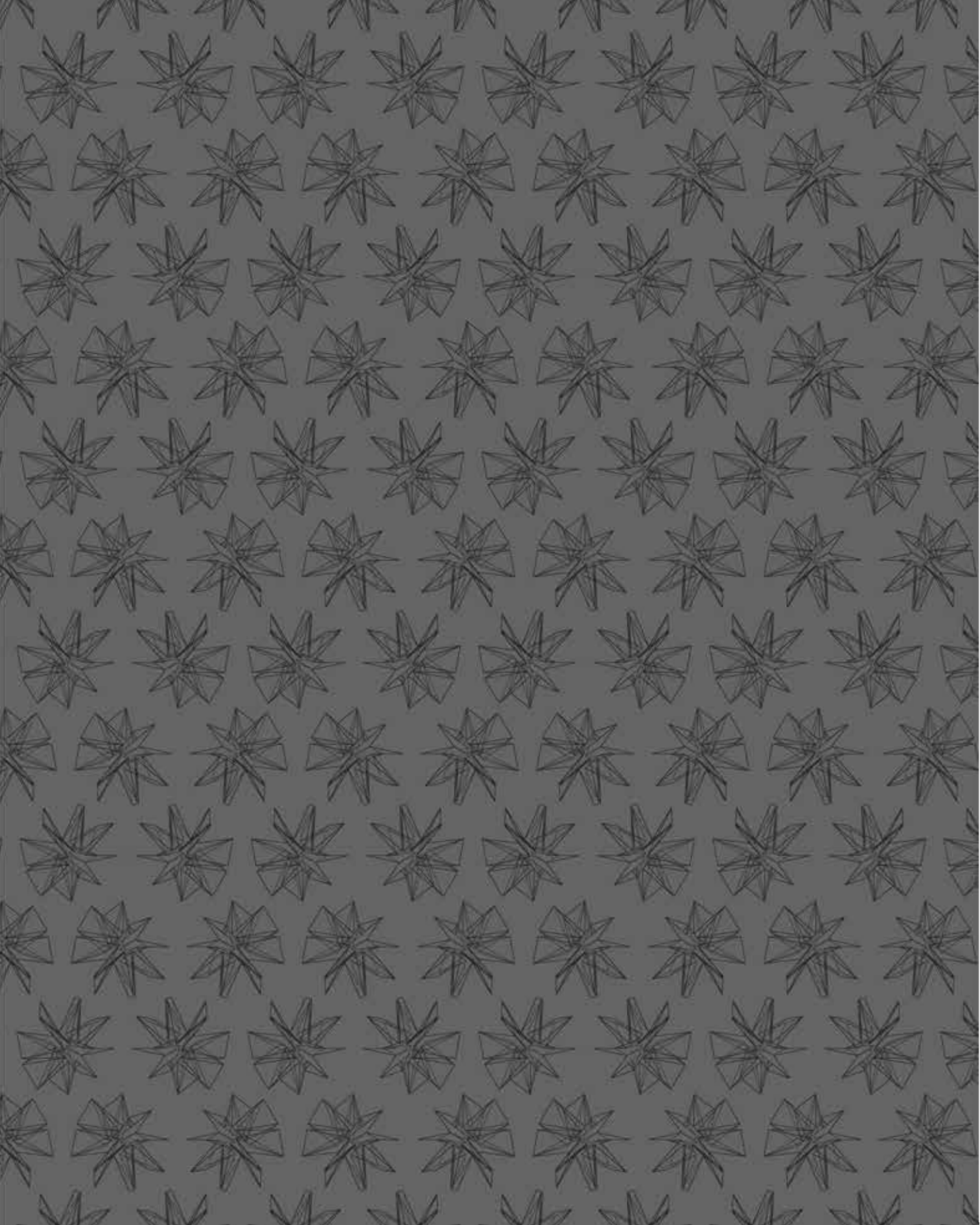


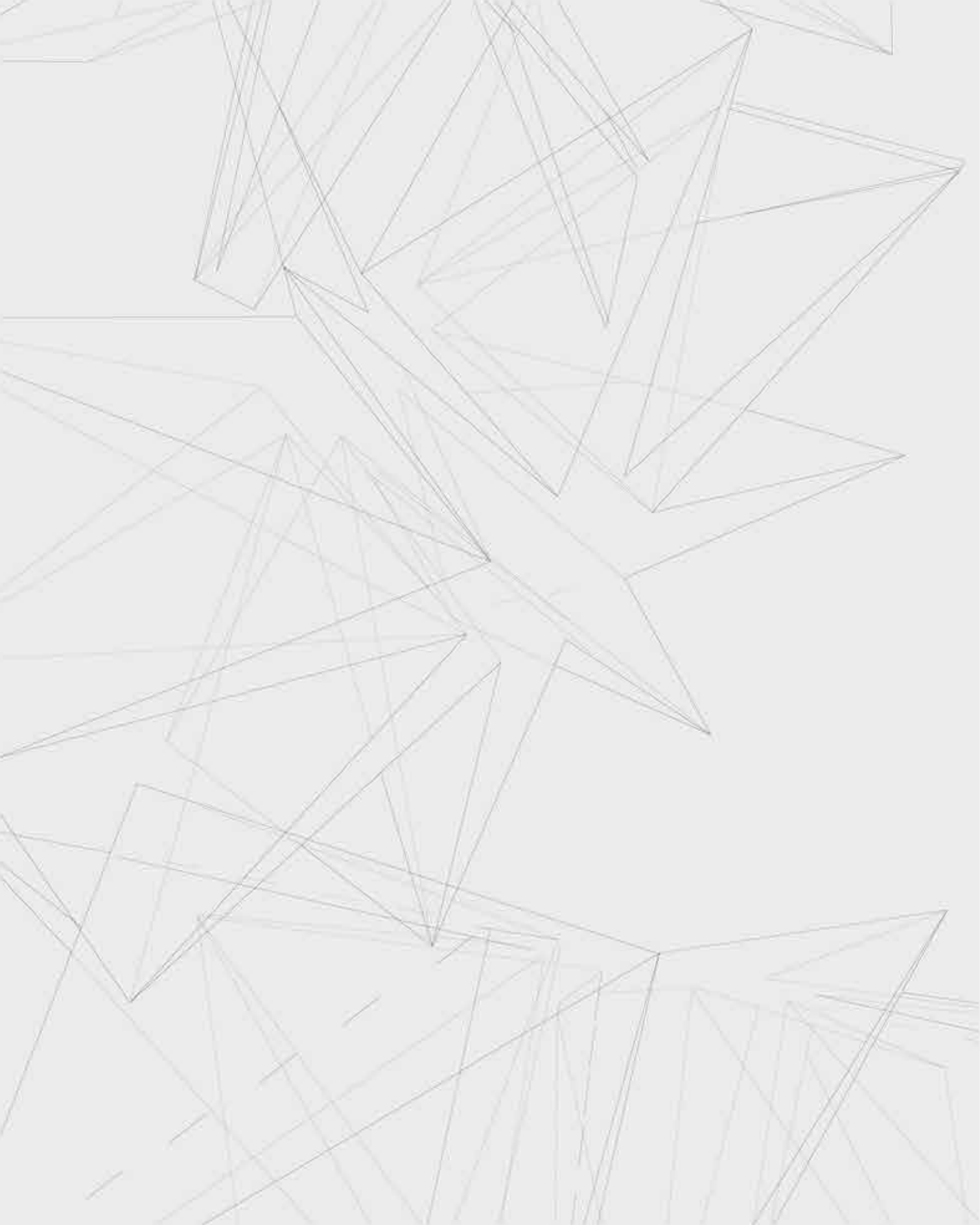
des.norte





Ana Amélia Genioli

des.norte



## ANDARIEGO

No son tus huellas caminante  
Ni el camino nomás  
Todo hay delante del camino  
Se hace el andante  
Al andar

Trenzados andante y camino  
Hilo qué no se puede desenredar  
Senda nunca senda  
Sonda a veces al pasar

Todo hay delante  
Como el reflejo de las estelas  
En la mar

Ana Amélia Genioli  
Diego Contreras Novoa

## INTRODUCTION

Diego Contreras Novoa

The development of a work of art, from its conception to its fruition and exhibition, can be described in a variety of activities that interlace, coming together to weave whatever it may come to be. To sketch and to embroider, to plan and to draw, to project and to print are all actions that blur the already ambiguous barriers between thought and action, between the indistinguishable frontiers that separate that which one assumes belongs to the mind from that which belongs to the body. And that, in turn, allow us to express what is often ineffable. The acts of walking and creating go beyond the words that define them, and that is where the paper (a map, a sketch, a photograph, etc.) acts as a medium, as a third agent, as that which has been trodden upon and that which is tread upon.

But does every map need a North?

With this question acting as a compass, the exhibition *des.norte*, by artist and architect Ana Amélia Genioli, weaves its way around the dashed paths of the artistic production, giving a sense that is sometimes conceptual and other times cardinal to the acts of creation, while bearing in mind that having a goal or a destination doesn't necessarily mean having a beginning or ending point. Actions unfold in the form of drawings that evoke architectural plans; pieces of embroidery reveal the most literal meaning of the word *con-text* and monotypes manipulate colours as if they were magnetised needles. All of that without being shackled to the imposed and sometimes arbitrary "orientations" and "regulations" forced upon us by a global, colonialist North, joined with a directionless Brazil.

The many activities proposed by Ana Amélia rise in search of other cardinal directions that may reveal other possible routes, bringing forth the impression of alterity, of a landscape that belongs to otherness.

## INTRODUÇÃO

Diego Contreras Novoa

Ao seguir a articulação de uma peça de arte, o trânsito que esta percorre desde a necessidade e o intuito que um artista tem de agenciá-la até sua concreção, exposição e difusão, pode ser descrito numa variedade de atividades que se entrelaçam conformando uma urdidura com a qual se articula a trama de um acontecimento. Esboçar e bordar, esquematizar e desenhar, projetar e imprimir são atividades que diluem os ambíguos limites entre pensamento e ação, entre as indistinguíveis fronteiras que separam o que se supõe que pertence à mente, daquilo que se supõe que pertence ao corpo e que por sua vez possibilita concretizar o que às vezes é considerado como inexpressável. Os atos de caminhar e o de criar excedem as palavras que os definem e é aí aonde o papel (um mapa, um rascunho, uma fotografia, etc.) acontece como mediador, como um terceiro agente, o que se andou e o que se tem andado.

Mas todo mapa precisa de um norte?

Com esta pergunta como bússola, a exposição *des.norte* da artista e arquiteta Ana Amélia Genioli transita os tracejados caminhos da produção artística dando sentido, às vezes conceitual e às vezes cardinal, aos atos de criação. Sabendo que ter um rumo ou um sentido não é necessariamente ter um ponto particular de partida ou de chegada. Ações se desdobram em desenhos análogos às plantas arquitetônicas, bordados trazem o sentido da palavra *con-texto* na sua forma mais literal e monotípias articulam a cor como se fossem agulhas imantadas. Tudo sem precisar seguir as impostas e por vezes arbitrárias "orientações" e "diretrizes" que um norte global, colonialista e apropriador e que um Brasil sem rumo próprio impõem.

As diversas atividades que a Ana Amélia realiza se levantam na

In this catalog, the processes through which the bodies of production and of the artist tread this other landscape will be presented, as well as how these processes translate into drawings, monotype prints and pieces of embroidery to guide/accompany those who visit the exhibition. Also, in this publication, different points of view, such as those from the fields of Geology, Semiotic theory of Corpus Media and Art will be presented.

As Ana Amélia's studio assistant, I have followed her creative process for more than a year. During this period, we have decided to consider our production in the studio as a "seedbed for research" in the sense that, much like a plant that generates self-consciousness through its sensors, we have tried to tackle artistic creation as a body in constant movement. This movement is followed by small visual gestures, aesthetic and poetic in nature, that have attempted, throughout the year, to express the artistic creation in different ways, from the "disorient" and from a kind of "un-North" to a South where it's possible to imagine new ways to exist in the world.

Diego Contreras Novoa is a visual artist and ceramicist with experience as a university scholar and manager of cultural and artistic projects. He is a Universidad Nacional de Colombia graduate (UNAL, 2014) in Visual Arts, with a masters degree from Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2018) in Arts. Member of the research group ESTEPA – Espacio, Tecnología y Participación - of the Univesidad Nacional de Colombia since 2015.

procura de outros pontos cardinais que possam dar sentido a outros rumos que podem ser seguidos, em uma espécie de alteridade da paisagem: uma paisagem outra.

Nesse catálogo serão apresentados os processos pelos quais os corpos da produção e da artista percorrem essa paisagem outra e a inscreve em desenhos, monotípias e bordados para acompanhar/guiar as pessoas que visitam a exposição. Também nessa publicação serão apresentados olhares desde diferentes lugares e práticas discursivas como são a geologia, a teoria semiótica de corpomídia e a arte.

Como assistente do ateliê de Ana Amélia tenho acompanhado seu processo produtivo por mais de um ano. Durante esse período decidimos levar a produção do ateliê operando com um "germinador de pesquisa" que como uma planta, que gera consciência de si mesma por meio de seus sensores, procurou abordar a produção criativa como um corpo em constante movimento. Movimento que é seguido de pequenos gestos plásticos, estéticos e poéticos que ao longo do ano buscaram abordar a produção desde outros rumos, desde o desorientado, desde o desnorte, desde um sul no qual é possível imaginar outras formas de se estar no mundo.

Diego Contreras Novoa é artista plástico e ceramista com experiência em docência universitária e gestão de projetos artísticos e culturais. Formado em Artes Plásticas na Universidad Nacional de Colombia (UNAL, 2014) com Mestrado em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2018) desde o 2015 pertence ao grupo de pesquisa ESTEPA – Espacio, tecnología y Participación - da Universidade Nacional de Colombia.

Andariego

13 peças com 11 cm de altura

Bordado sobre tecido montado em caixa de acrílico

13 pieces, 11 cm high

Embroidery on fabric, mounted in acrylic box

2020



Des.bússola  
0,10 x 0,10 x 0,10 m  
Bússola, motor e caixa de madeira  
Compass, engine and wood box  
2020





## CARTOGRAPHIES TO EXIST

Christine Greiner

A map is never exactly the place that is being represented. It is always a representation and it necessarily implies some displacement.

A map cannot be conceived only as a representation of the physicality of a space. It's always a sign. This means that what is being mapped is a fragment of a certain place, but it also contains flows and all the discontinuity, uncertainty and instability of feelings, questions, narratives and so many chaotic sign-related aspects that compose it.

This is what Ana Amelia Genioli's work is about.

In all these years I have been with her – for more than a decade – I have learned that it is never just about what is apparently there, but about the possibility of making explicit invisible fabrications.

The *des.norte* (un.North), as the artist poses it, is a desire to resist. It is not an appeased work, detached from politics. It's most engaged action is perhaps to connect the eye, touch and movement in order to awaken the body of those who are in front of the images.

Technically speaking, we could say that they are wind roses over monotypes. But they are not. What stands out is the movement that extrapolates the arrows and graphics that are there.

And what type of movement that drills spatialities is this?

Pigmented stains resemble body fluids.

It is not by chance.

It is the body that intensifies the processes generating forms of acting and knowing.

What seems important to me in this experience is that nothing is isolated.

It is not just a place, but the act of crossing spatialities.

It is not a feeling of its own, but a flow.

## CARTOGRAFIAS PARA EXISTIR

Christine Greiner

Um mapa nunca é exatamente o local que está sendo mapeado. É sempre uma representação e implica necessariamente em um deslocamento.

O mapa também não pode ser concebido apenas como uma representação da fisicalidade de um espaço. Ele é sempre *sígnico*. Isto significa que aquilo que está sendo mapeado é um fragmento de um local determinado, mas abriga também fluxos e toda descontinuidade, incerteza e instabilidade dos sentimentos, das indagações, das narrativas e outras tantas caoticidades *sígnicas* que o compõem.

É disso que se trata a obra de Ana Amelia Genioli.

Em todos esses anos que a acompanho – mais de uma década – aprendi que nunca se trata apenas daquilo que aparentemente lá está, e sim, da possibilidade de explicitar as tessituras invisíveis.

O *des.norte*, como diz a própria artista, é uma vontade de resistir. Não é uma obra apaziguada, desgarrada da política. A sua ação mais engajada talvez seja a de conectar olho, tato e movimento de modo a despertar o corpo de quem está diante das imagens.

Tecnicamente, poderíamos dizer que são rosas dos ventos sobre monotipias. Mas não são. O que salta aos olhos é o movimento que extrapola as setas e gráficos que lá estão.

E que movimento é este que perfura as espacialidades?

As manchas com pigmentos lembram os fluidos do corpo.

Não é por acaso.

É o corpo que intensifica os processos gerando modos de agir e conhecer.

O que me parece importante nesta experiência, é que nada está isolado.

It's never just an image. The materialities that Ana Amélia deals with all the time are images-states-movements or images-feelings-thoughts.

In this sense, cartographic representation is never restricted to what is supposedly being mapped.

It's not something mapped, but a flow of experiences.

Place is not just place.

Body is not just (one) body.

This makes me think that pigments, graphics and arrows are somehow inoperative in Ana Amélia's work.

They depart from their usual functions, but in the process they become more complex, operating spatialities whose functions do not establish the fulfillment of tasks given a priori, but open new paths.

It is worth pointing out that there are also many cities in these cartographies proposed by Ana Amélia.

Cities that are visible in imagination, since they connect the experience of having been there with emissions of possibilities that also spill over into us.

After all, it is likely that this cartography that emerges from the *des-norte* (un.North) project will not let us get accustomed.

So that it remains possible to perceive the power of change.

So that it still makes sense to believe in the strength of a space of resonance that gives way to other events.

To resist, in this context, is no longer just a distant hope.

It is a poetic uprising that maps fields of action and gives meaning to life.

Christine Greiner is a Ph.D. professor at the Pontifical Catholic University of São Paulo – PUC - SP, where she teaches subjects in the undergraduate course in Body Arts, and in the Postgraduate Studies Program in Communication and Semiotics, in which she coordinates the Center for Oriental Studies. She is the author of several books and essays on body and Japanese culture, published in Brazil and abroad, "Fabulaciones del cuerpo japonés y sus microactivismos" (Buenos Aires: Agencia Editorial Zettel, 2019) and "O Corpo, pistas para estudos indisciplinados" (Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012) among them.

Não é apenas um local, mas o atravessamento de espacialidades.

Não é um sentimento próprio, mas um fluxo.

Nunca é só imagem. As materialidades com as quais Ana Amélia lida o tempo todo são imagens-estados-movimentos ou imagens-sentimentos-pensamentos.

Neste sentido, a representação cartográfica, nunca se restringe ao que supostamente está sendo mapeado.

Não é uma coisa mapeada, mas um fluxo de experiência.

Lugar não é apenas lugar.

Corpo não é só (um) corpo.

Isto me leva a pensar que pigmentos, gráficos e setas de certa forma são inoperantes na obra de Ana Amélia.

Eles partem de suas funções habituais, mas no processo se complexificam transformando-se em operadores de espacialidades cujas funções não estabelecem o cumprimento de tarefas dadas a priori, mas abrem novas trilhas.

É importante notar que há também muitas cidades nessas cartografias propostas por Ana Amélia.

São cidades visíveis na imaginação, uma vez que conectam a vivência de ter estado lá com emissões de possibilidades que se derramam também em nós.

Afinal, é provável que esta cartografia que emerge do projeto *des-norte* sirva para que a gente não se acostume.

Para que continue sendo possível perceber a potência da mudança.

Para que ainda faça sentido acreditar na força de um espaço de ressonância que dê passagem a outros acontecimentos.

Resistir, neste contexto, deixa de ser apenas uma esperança longínqua.

É um levante poético que cartografa campos de ação e dá sentidos à vida.

Christine Greiner é Professora livre-docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, onde leciona disciplinas no curso de graduação em Artes Corporais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, no qual coordena o Centro de Estudos Orientais. É autora de vários livros e ensaios sobre corpo e cultura japonesa, publicados no Brasil e no exterior, entre eles, "Fabulaciones del cuerpo japonés y sus microactivismos" (Buenos Aires: Agência Editorial Zettel, 2019) e "O Corpo, pistas para estudos indisciplinados" (Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012).

DES.NORTE:  
A DIALOGUE BETWEEN EARTH SCIENCES AND ART

Guilherme Navarro D. Tavares

The trajectory of rivers and the transformation of landscapes follow the records and marks in the work of Ana Amélia Genioli. It is seen at des.norte fluid movements that results from the interaction between pigments in liquid settings and the sheet of paper that works like a screen in contrast to deliberate forms. The result is similar to drainage patterns, such as those observed in aerial, satellite or topographic maps, originated from the interaction between climate, rocks and its structures, formed over geological time.

As in rock formations, the creation processes are recorded on a macro and micro scale. The artist's original traces work as a hydrographic network, resembling what in nature would be interlaced channels, associated with regions of low vegetation cover, which resist arid climatic conditions, anthropic actions and coarse sediment input. The debate of the elements mentioned above makes up the rock cycle<sup>1</sup>, where the formation of mountain ranges and their reduction into plains are based on the internal and external dynamics of the planet.

The internal dynamics promote the subsidence<sup>2</sup> and uplift<sup>3</sup> of continents, in which joined with liquid water initiate a cycle of continental crust<sup>4</sup> recycling. Rivers are initially installed as valleys embedded

---

1 Rock cycle: it understands the cyclical nature of rocks, currently elucidated by the Wilson Cycle, which is a series of stages with tectonic, magmatic and sedimentary records.

2 Subsidence: process in which a region (Earth's surface) is depleted in relation to sea level (a reference).

3 Uplift: process in which a region (Earth's surface) is elevated from sea level (a reference).

4 Continental crust: top layer of the lithosphere, about 30km thick, and houses igneous, sedimentary and metamorphic rocks from different times in Earth's history.

DES.NORTE:  
UM DIÁLOGO ENTRE AS CIÊNCIAS DA TERRA E A ARTE

Guilherme Navarro D. Tavares

A trajetória dos rios e a transformação das paisagens acompanham os registros e marcas no trabalho de Ana Amélia Genioli. Vê-se em des.norte movimentos fluidos que resultam da interação entre pigmentos em meio líquido e a folha de papel que lhe serve de anteparo, em contraposição a formas deliberadas. O resultado se assemelha a padrões de drenagem, como os observados em imagens aéreas, de satélite ou cartas topográficas, originados da interação entre clima, rochas e suas estruturas, formadas ao longo do tempo geológico.

Tal como nas formações rochosas, os processos de criação são registrados em macro e micro escala. Os traçados originais da artista funcionam como uma rede hidrográfica, assemelhando-se ao que na natureza seriam canais entrelaçados, associados às regiões de baixa cobertura vegetal, que resistem às condições climáticas áridas, ações antrópicas e de aporte de sedimentos grosseiros. O debater de elementos observados acima compõe o ciclo das rochas<sup>1</sup>, onde a formação de cadeias montanhosas e sua redução às planícies se baseiam na dinâmica interna e externa do planeta.

A dinâmica interna promove a subsidência<sup>2</sup> e soerguimento<sup>3</sup> de continentes, que aliados à água líquida dão início a um ciclo de reciclagem

---

1 Ciclo das rochas: compreende a natureza cíclica das rochas, atualmente elucidado pelo Ciclo de Wilson, que é uma série de estágios com registros tectônicos, magmáticos e sedimentares.

2 Subsidência: processo no qual uma região (superfície da Terra) é abatido em relação ao nível do mar (uma referência).

3 Soerguimento: processo no qual uma região (superfície da Terra) é elevada em relação ao nível do mar (uma referência).

in elevated regions and as meanders<sup>5</sup> in flat regions. Similarly, we can investigate and understand the path of the pigment particles in Ana Amélia's work, where observations of the details on the screens reflects a drainage pattern, sometimes dendritic<sup>6</sup>, sometimes in lattice, where incisions would represent the families of fractures in the rocks, such as in gneissic<sup>7</sup> outcrops. The marks embody a universalism that takes shape and, as in geology, fissures, deformations and marks of large-scale tectonic movements are registered to the smallest of scales. The convergence between forms is the result of the technique used by the artist, differing from traditional monotypic molds, that uses a glass plate and very liquid inks promoting the unpredictability of results, and later marked on the sheet of paper applied on the surface.

In geological processes, external dynamics have the task of weathering and erosion to deconstruct and transport rocks from one point to another, reducing rocks to pebbles<sup>8</sup> and pebbles to grains. Every each hill that is seen, it is known that much has been taken and the rest will soon be gone. The transport is spontaneous, the lowlands have the deposition and reconstruction of the new rocks, whose grains are connected by different natural cements. The investigation of Ana Amélia's records, such as natural processes, does not show "any trace of a beginning, no perspective of an end"<sup>9</sup> and observing the work becomes a reinterpretation of nature and vice versa, in interactions of a map connectable to different dimensions.

The impact of overlaps between pigments and their path, which refer to the causality between the technique used and the repetition of the process over the years, does not reduce the unpredictability of the result. As well as in erosive processes, transport agents are registered and erased, in a conflict between construction and deconstruction. However in the face of temporal gaps<sup>10</sup>, a single layer registers a single time and a single image is created.

The Earth's core<sup>11</sup>, consisting essentially of iron and nickel, protects the residual heat isolated by the crust. In a convection movement, the

---

5 Meanders : winding watercourse, winding paths.

6 Dendritic: drainage pattern with irregular branches that represent tributaries and sub-tributaries.

7 Gneissic : metamorphic rock, composed of minerals like quartz and feldspar.

8 Pebbles : rock fragment, loose stone.

9 Geological principle (uniformitarianism) established by James Hutton (1726-1797)

10 Temporal gaps: break or gap in the geologic record, suppression of layers.

11 Earth's core domain between 2900km in depth to the center of the Earth, with temperatures between 4,000 °C and 5,000°C and pressure of 1.3 to 3.0 million atmospheric units.

da crosta continental<sup>4</sup>. Rios inicialmente se instalam como vales encaixados em regiões elevadas e como meandantes<sup>5</sup> em regiões planas. Analogamente, podemos investigar e compreender o percurso das partículas de pigmento no trabalho de Ana Amélia, onde a observação do detalhe das telas refletem um padrão de drenagem por vezes dendríticos<sup>6</sup>, por vezes em treliça, onde incisões representariam as famílias de fraturas nas rochas, tais como em afloramentos gnáissicos<sup>7</sup>. As marcas encarnam um universalismo que toma a forma, e assim como na geologia, fissuras, deformações e marcas de movimentos tectônicos de grande escala são grafados até à menor das escalas. A convergência entre as formas é fruto da técnica utilizada pela artista, que foge aos moldes tradicionais da monotopia, que usa uma placa de vidro e tintas bastante líquidas, que promovem a imprevisibilidade dos resultados, e posteriormente marcadas na folha de papel aplicada sobre a superfície.

Nos processos geológicos, a dinâmica externa têm no intemperismo e na erosão o trabalho de desconstruir e transportar rochas de um ponto a outro, reduzindo rochas a seixos<sup>8</sup>, e seixos a grãos. A cada morro que se vê, sabe-se que muito foi levado, e o resto ainda será. O transporte é espontâneo e às baixadas têm-se a deposição e reconstrução das novas rochas, cujos grãos são conectados por diferentes cimentos naturais. A investigação dos registros de Ana Amélia, tais como de processos naturais, não apresentam "nenhum vestígio de um começo, nenhuma perspectiva de um fim"<sup>9</sup>, e observar o trabalho passa a ser uma releitura da natureza, e vice versa, em interações de um mapa conectável à diferentes dimensões.

O impacto das sobreposições entre pigmentos e seu percurso, que remetem à causalidade entre a técnica utilizada e a repetição do processo ao longo dos anos, não reduzem a imprevisibilidade do resultado. Assim como nos processos erosivos, os agentes de transporte são registrados e apagados, num debate entre construção e desconstrução, porém diante de hiatos<sup>10</sup> temporais, uma única camada registra um único tempo, uma única imagem é criada.

---

4 Crosta continental: camada superior da litosfera, possui cerca de 30 km de espessura e abriga rochas ígneas, sedimentares e metamórficas de diferentes tempos na história da Terra.

5 Meandantes: curso d'água sinuoso, caminhos sinuosos.

6 Dendríticos: padrão de drenagens com ramificações irregulares que representam afluentes e subafluentes.

7 Gnáissicos: rocha metamórfica, composta por minerais como quartzo e feldspato.

8 Seixos: fragmento de rocha, pedra solta.

9 Princípio geológico (uniformitarismo) estabelecido por James Hutton (1726-1797).

10 Hiatos: lapso de tempo sem registro geológico, supressão de camadas.

incandescent material forms the Earth's magnetic field<sup>12</sup>. Annually, variations of 0.2 degrees change the position of the magnetic north little by little, and the magnetization of minerals such as hematite<sup>13</sup> and magnetite<sup>14</sup> register the latitude of continents in rocks throughout geological history. For travelers, who have used compasses since the 12th century, the bar that moves according to the magnetic field is used as a guide and its end point, by convention, points to the north. The geometric shapes present in Ana Amélia Genioli's work, like a new compass rose, are dynamic, just as in nature. However, in an accelerated way it deconstructs the direction to which it points, and registers, just like magnetite in a single layer of rock, another north, this time built by choices, des.norte.

Guilherme Navarro D. Tavares is a geologist graduated at the Institute of Geosciences of the University of São Paulo, where he conducted an undergraduate thesis focused on Geological Heritage. Postgraduate student at SENAC – studying the environmental quality of soils, sediments and waters.

---

12 Earth's magnetic field: magnetism attributed to the core of the planet, has its poles close to the geographic ones and varies in position and intensity with time.

13 Hematite: accessory mineral common in igneous, sedimentary and metamorphic rocks, iron oxide, when scratched against porcelain, has a rust red color.

14 Magnetite: iron oxide, generally octahedral in shape, an important mineral in the study of paleomagnetism.

O núcleo da Terra<sup>11</sup>, constituído essencialmente por ferro e níquel, resguarda o calor residual isolado pela crosta. Em movimento de convecção, o material incandescente forma o campo magnético terrestre<sup>12</sup>. Anualmente, variações de 0,2 graus mudam a posição do norte magnético aos poucos, e a magnetização de minerais como hematita<sup>13</sup> e magnetita<sup>14</sup> registram em rochas a latitude de continentes ao longo da história geológica. Para os viajantes, que desde o século XII utilizavam bússolas, têm-se como guia a barra que se direciona conforme o campo magnético, e cuja extremidade aponta, por convenção, ao norte. As formas geométricas presentes no trabalho de Ana Amélia Genioli, como uma nova rosa dos ventos, é dinâmica, do mesmo modo que na natureza. Porém, de forma acelerada desconstrói a direção à que aponta, e registra, tal como magnetita num único estrato de rocha, um outro norte, dessa vez construído por escolhas, des.norte.

Guilherme Navarro D. Tavares é geólogo pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, onde realizou pesquisas voltadas ao Patrimônio Geológico. Pós-graduando pelo SENAC, com estudos de qualidade ambiental de solos, sedimentos e águas.

---

11 Núcleo da Terra: domínio entre 2900 km de profundidade até o centro da Terra, com temperaturas entre 4.000 e 5.000°C e pressão de 1,3 a 3,0 milhões de unidades atmosféricas.

12 Campo magnético terrestre: magnetismo atribuído ao núcleo do planeta, tem seus polos próximos aos geográficos e varia de posição e intensidade com o tempo.

13 Hematita mineral: acessório comum em rochas ígneas, sedimentares e metamórficas, óxido de ferro, quando riscado contra porcelana apresenta cor de traço vermelho ferrugem.

14 Magnetita: óxido de ferro, geralmente de formato octaédrico, importante mineral no estudo do paleomagnetismo.

## MARE NOSTRUM

Ana Roman

The dominance of the seas and oceans has been a central issue for many centuries. Navigating brought the possibility of exchange and communication between distant neighbors. In many cases, the adventure of navigation was accompanied by the process of domination and the exploitation of entire populations. Offshore territories are created, portions of the space are submitted to an external order and the power emanated by the foreign agent, is territorialized in those areas. Such processes of colonization and imperialism occur in continental and insular space: segments of space are divided and new frontiers are created to allow power to be exercised. The artifact 'map' appears, in this context, as an instrument to facilitate the routes between seas and oceans, represent the new conquests and identify - or even imagine - all that was unknown territory or terrain.

The surface of seas and oceans does not escape territorial disputes. In 1609, the first document regarding its jurisdiction was elaborated. Dutchman Hugo Grócio, hired by the management of the Dutch East India Company, wrote anonymously the Mare Liberum treaty ('Free Sea' or 'Freedom of the Seas'), defending free navigation on the seas. According to the author, the seas would be free due to their primordial character as an interface between people, such that their freedom should be guaranteed. In 1635, this thesis was challenged by the Englishman John Selden, who replaced the conception with "Mare Clausum". For Selden, the sea would, in practice, be as likely to be appropriate as the terrestrial territory and, therefore, conquered. A consensus has been reached on the subject for years, and currently, there is a stretch of coastline with determined mileage under the control of the various countries, but there are large portions of the ocean

## MARE NOSTRUM

Ana Roman

O domínio dos mares e oceanos é uma questão central há muitos séculos. A navegação trouxe a possibilidade de troca e comunicação entre vizinhos distantes. Em muitos casos, a aventura da navegação veio acompanhada pelo processo de dominação e pela exploração de populações inteiras. Constituem-se territórios extra mares, parcelas do espaço que são submetidas a uma ordem externa e ao poder emanado pelo agente estrangeiro, que se territorializa nessas áreas. Tais processos de colonialismo e imperialismo ocorrem no espaço continental e insular: dividem-se parcelas do espaço e criam-se novas fronteiras para que o poder seja exercido. O mapa aparece, nesse contexto, como um instrumento para facilitar as rotas entre mares e oceanos, representar as novas conquistas e identificar – ou até imaginar - tudo aquilo que era território ou ainda terreno desconhecido.

A superfície dos mares e oceanos não escapa às disputas territoriais. Em 1609, produziu-se o primeiro documento sobre sua jurisdição. O holandês Hugo Grócio, contratado pela direção da Companhia Holandesa das Índias Orientais, escreve anonimamente o tratado Mare Liberum ('Mar livre' ou 'Liberdade dos Mares'), em defesa da livre navegação nos mares. Segundo o autor, os mares seriam livres por seu caráter primordial de comunicação entre os povos, tal que sua liberdade deveria ser garantida. Em 1635, essa tese foi contestada pelo inglês John Selden, que modificou o conceito para "Mare Clausum". Para Selden, o mar seria, na prática, tão passível de ser apropriado quanto o território terrestre e, portanto, conquistado. Ao longo dos anos, chegou-se a um consenso sobre o assunto e, atualmente, há uma faixa de litorânea com quilometragem determinada sob controle dos diversos países. Há, porém, grandes parcelas do ocea-

identified as international waters: they are environments with little - or almost no - regulation.

This long-lasting story told in the previous paragraphs runs through the works of Ana Amelia Genioli. In this new series, there is a kind of impulse surrounding the map. Present in other works of the artist, cartographic representation is the starting and end point for a new imagination and cosmological representation. In the maps and portolans created by the artist, there are no meridians and parallels, nor a single scale or even an explicit caption to the viewer. The elements that make up the cartographic blend among themselves. The artist's maps now represent places that only exist as an image and imaginary. However, she leaves the titles of the works as clues for reading.

In Genioli's new series of monotypes, her impulse for the map is marked by the presence of a wind rose, which is deconstructed and expands over the entire dimension of the paper, also appearing in fragments. Such a cartographic element falls apart and vanishes before the colour stains that seem to form, before our eyes, a watery surface. Mare Clausum and Mare Liberum mix: the geometric shapes coming from the crushing of the wind rose to try to contain the movement of the water, but it escapes. The sea asserts its freedom - spreading across the paper in a gesture of impossible containment.

The water always escapes. It changes shape, evaporates between small pores invisible to our eyes, it drips between our fingers when we try to catch it with our hands. The procedures repeated in the monotypes of the series are similar to the exercise of attempting to contain the water that flows in all directions. Unlike the traditional wind rose, which points to the geographic north of the planet formed by its magnetic field, the shattered wind rose does not point anywhere. It points everywhere, and follows - or contradicts - the movement of water. There is no more north to direct ourselves. There is only the fluid movement that drives it and originates from multiple directions.

The geometric elements, combined with the circulation of water over the entire surface of the paper, produces the image of musical harmony. There is noise: a sound that comes from the flow of water and its encounter with the surface. The waters' dance is presented before the spectator, which, due to our human scale, we are unable to apprehend even with our precious - and scientific - instruments for apprehending nature. We place ourselves only as observers of this natural phenomenon.

Despite the precision of stroke and form, large-scale monotypes seem to swallow us up when installed side by side. They constant-

no identificadas como águas internacionais: elas são ambientes com pouca ou quase nenhuma regulamentação.

Essa história de longa duração contada nos parágrafos anteriores atravessa os trabalhos de Ana Amelia Genioli. Nessa nova série, há uma espécie de impulso pelo mapa. Presente em outros trabalhos da artista, a representação cartográfica é ponto de partida e chegada para uma nova imaginação e representação cosmológica. Não há, nas cartas e portulanos criados pela artista, meridianos e paralelos, uma escala única e, nem mesmo, uma legenda explícita ao espectador. Os elementos que compõem o cartográfico misturam-se. Os mapas da artista passam a representar lugares que só existem como imagem e imaginário. Ela deixa, porém, os títulos das obras como pistas para leitura.

Na nova série de monotipias de Genioli, o impulso pelo mapa é marcado pela presença de uma rosa dos ventos, que é desconstruída e se expande por toda a dimensão do papel, aparecendo novamente em fragmentos. Tal elemento cartográfico se desfaz e se esvai diante da mancha de cor que parece formar, diante dos nossos olhos, uma superfície aquosa. Mare Clausum e Mare Liberum misturam-se: as formas geométricas vindas do esfacelamento da rosa dos ventos tentam conter o movimento da água, mas ela escapa. O mar afirma sua liberdade espalhando-se pelo papel em um gesto de impossível contenção.

A água sempre escapa. Ela muda de forma, evapora entre pequenos poros invisíveis aos nossos olhos, ela escorre dentre os nossos dedos quando tentamos pegá-la com as mãos. Os procedimentos repetidos nas monotipias da série assemelham-se a exercícios de tentativa de contenção da água que escorre em todas as direções. Ao contrário da rosa dos ventos tradicionais, que aponta para o norte geográfico do planeta formado por seu campo magnético, a rosa dos ventos esfacelada não aponta para lugar nenhum. Ela aponta para todos os lugares, e segue - ou contraria - o movimento da água. Não há mais norte para onde ir. Há apenas o movimento fluido que a impulsiona e que vem de múltiplas direções.

Os elementos geométricos, quando combinados com a circulação da água por toda a superfície do papel, produzem a imagem de uma harmonia musical. Há um ruído: um som que vem do fluxo de água e de seu encontro com a superfície. Presentifica-se diante do espectador uma dança das águas, a qual somos, por nossa escala humana, incapazes de apreender mesmo com nossos preciosos - e científicos - instrumentos para apreensão da natureza. Nos colocamos apenas como observadores desse fenômeno natural.

ly remind us of our disorientation when facing the world, and of the failed attempts to map our surroundings with absolute precision. There is no unique north and, despite attempts to contain it, the sea does not belong to anyone. The colour stain that escapes the geometric shape is nothing more than a metaphor for the metaphor of movement, present in everything in the world. Ana Amélia's exercise is the exercise of making visible the unworkable task of containing nature.

Ana Roman has a master's degree in Geography from FFLCH - USP and is a PhD student on Art History and Theory at the University of Essex. She is currently dedicated to researching contemporary art, to curating exhibitions and to her work as an art critic. She has been a curator, an assistant curator and a researcher to several shows and exhibitions held throughout the country. She organized both editions of the course "Art exhibitions: curatorship, mediation and production", held at Casa Plana in 2017 and 2018. She is the current assistant curator for the 34th Bienal de Arte de São Paulo.

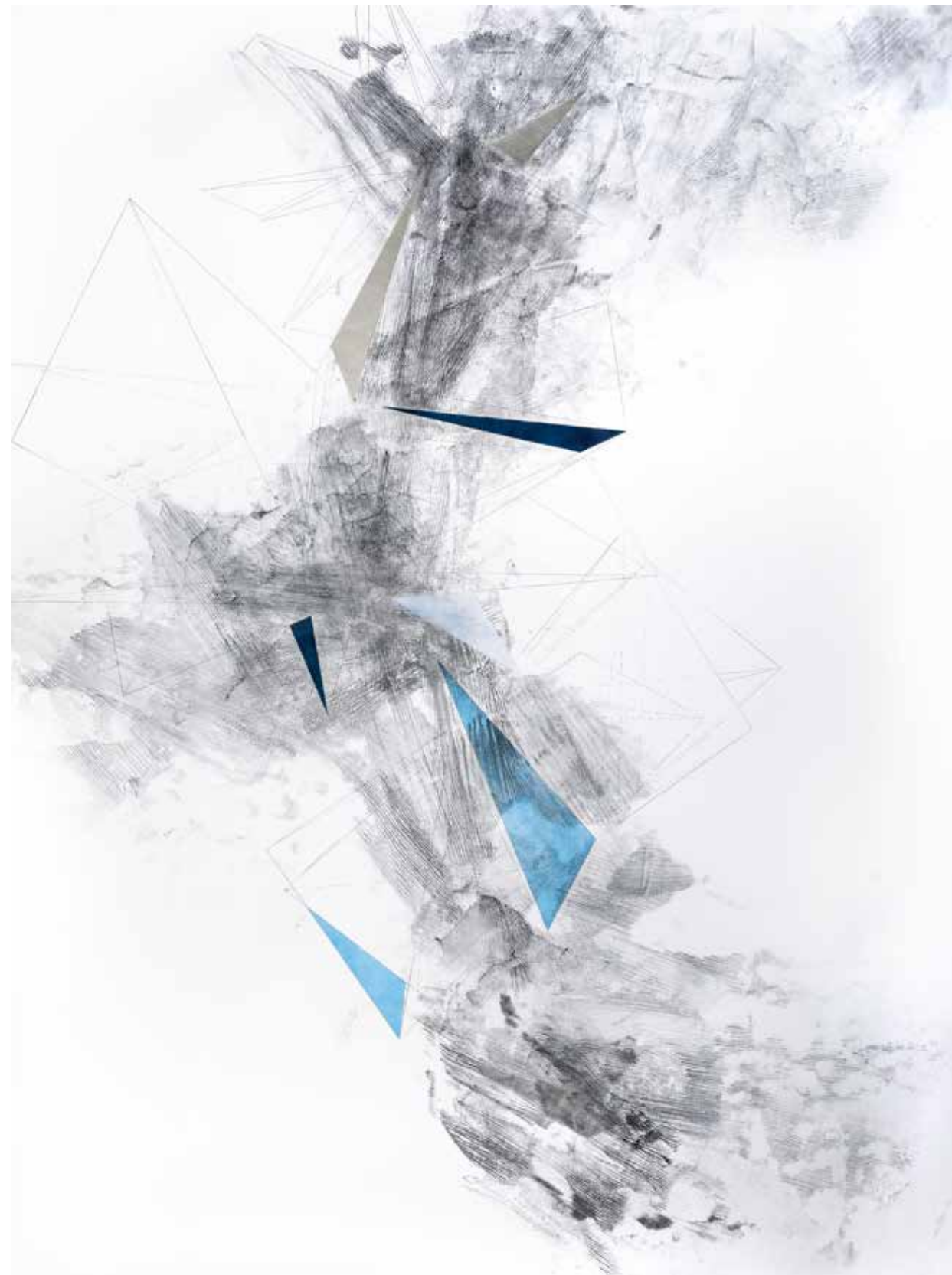
Apesar da precisão de traço e forma, as monotípias de grande escala parecem nos engolir quando instaladas lado a lado. Elas o tempo inteiro nos lembram da nossa desorientação diante do mundo, e das falhas tentativas de mapear com precisão absoluta o nosso entorno. Não há apenas um norte e, apesar das tentativas de contenção, o mar não pertence a ninguém. A mancha de cor que escapa a forma geométrica nada mais é do que uma metáfora do movimento, presente em tudo que está no mundo. O exercício de Ana Amélia é o exercício de tornar visível a tarefa inexecutável de conter a natureza.

Ana Roman é mestre em Geografia pela FFLCH - USP e doutoranda em Art History and Theory pela Universidade de Essex. Dedicou-se atualmente à pesquisa em arte contemporânea, curadoria e a escrita de textos críticos. Foi curadora, curadora assistente e pesquisadora em diversas mostras e exposições realizadas em instituições culturais do país. Organizou as duas edições do curso Exposições de Arte: curadoria, mediação e produção" na Casa Plana, em 2017 e 2018. Atualmente é assistente de curadoria da 34ª Bienal de Arte de São Paulo.





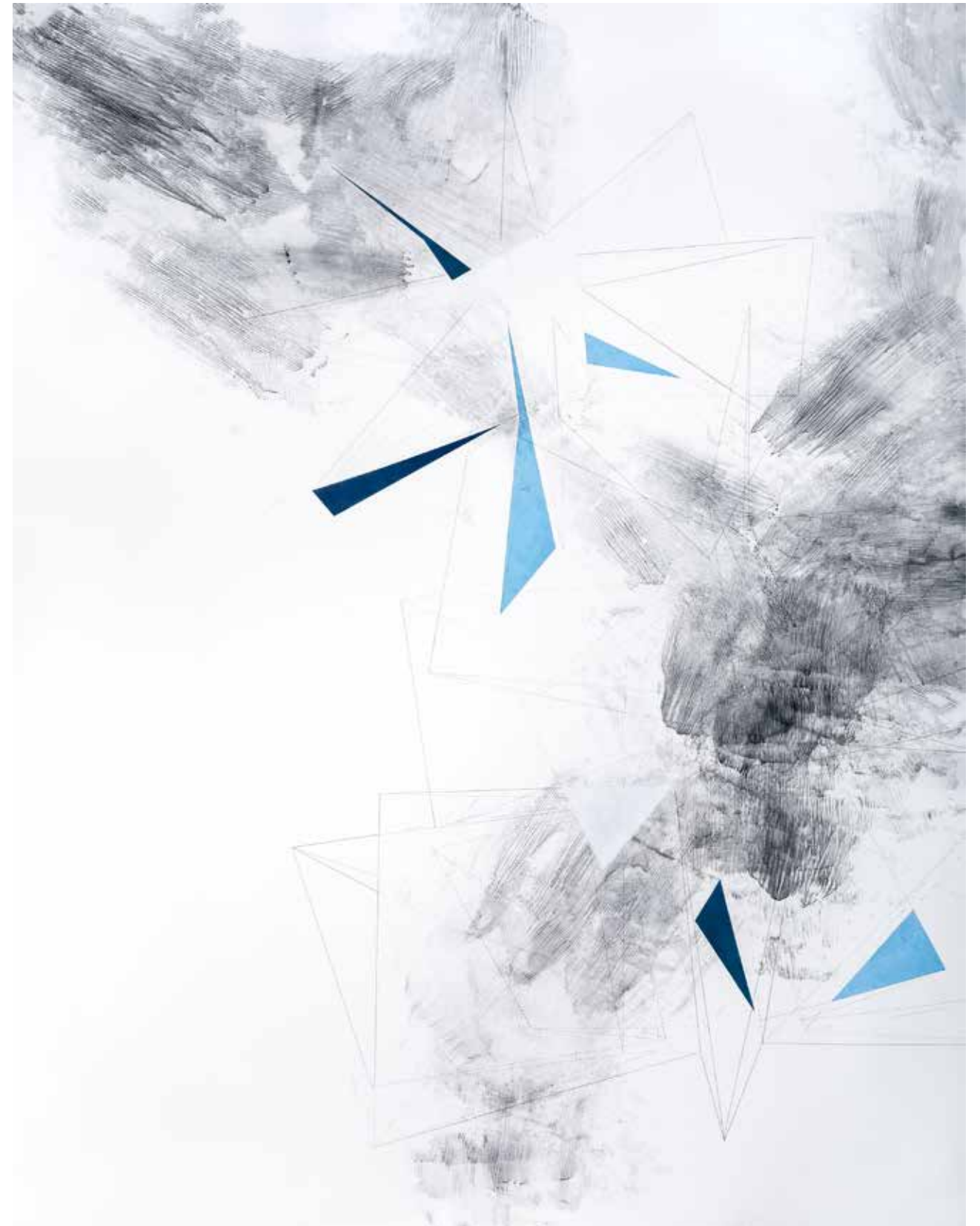
Delta Octantis  
1,40 × 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



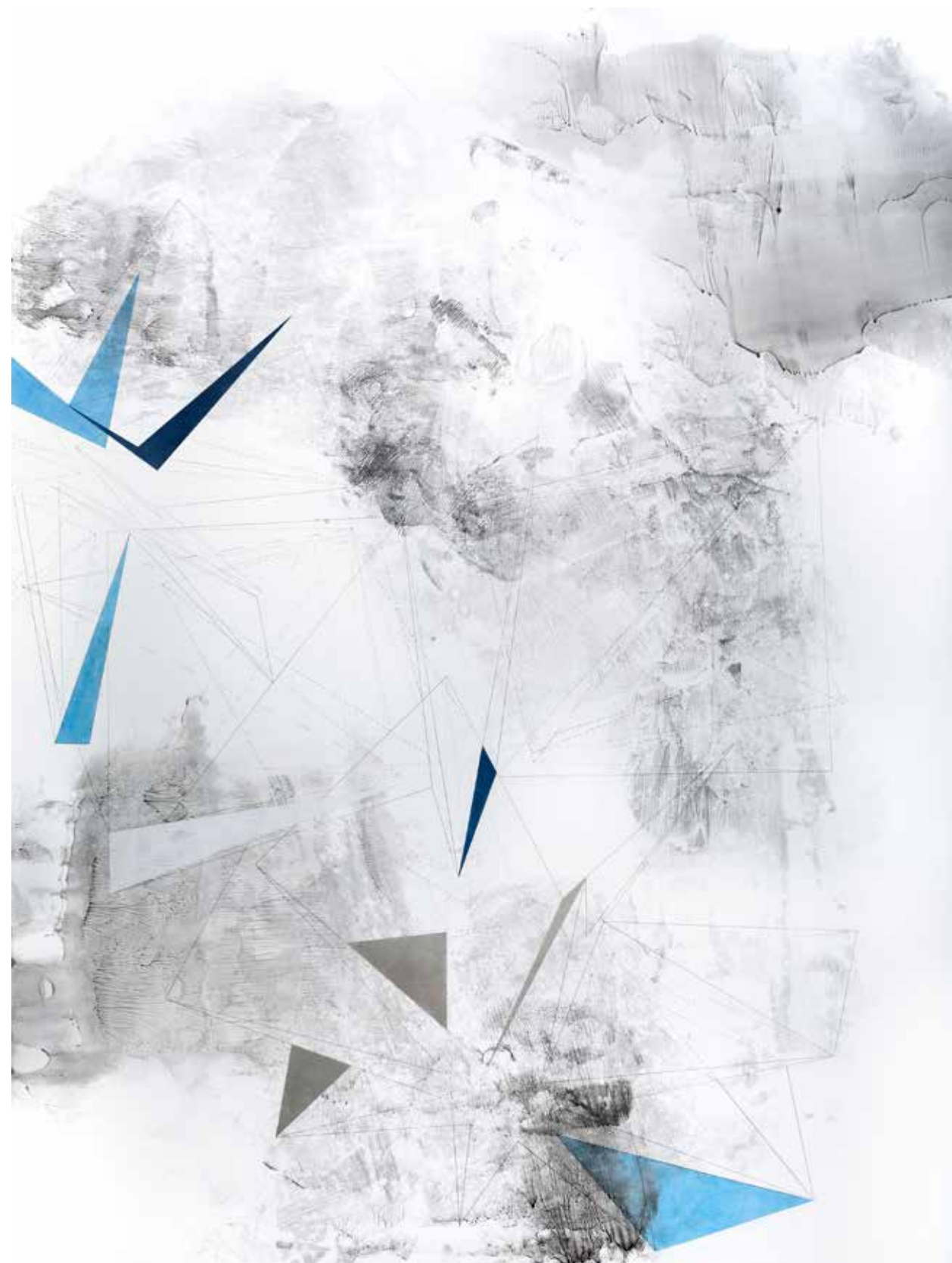
Nu Octantis  
1,40 x 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



Sigma Octantis  
1,40 x 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



Nômades  
1,40 × 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



Octante  
1,40 x 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



Polaris  
1,40 x 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020

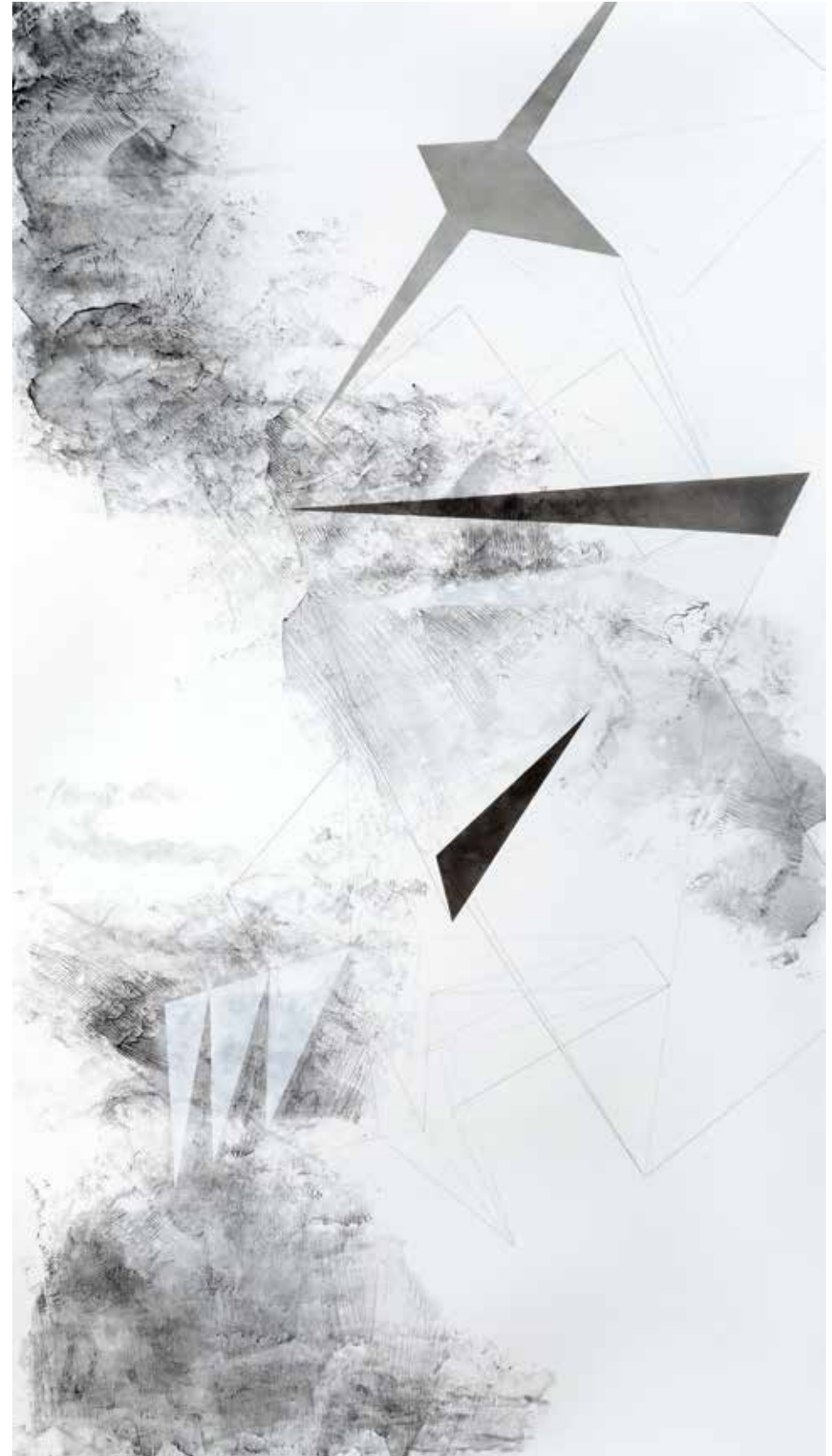


Vento Dominante  
1,10 × 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020





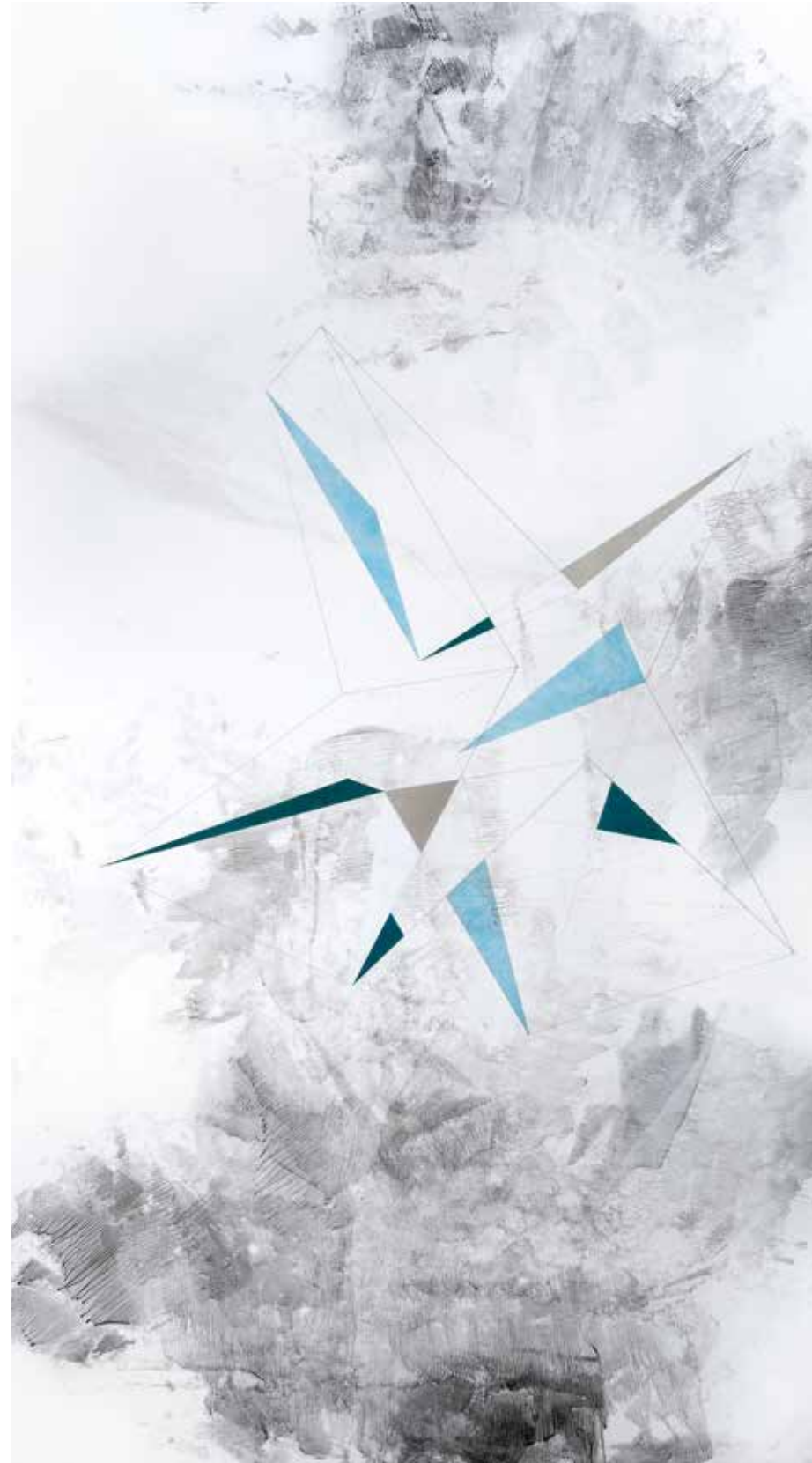
Extratropical  
1,10 x 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



Transparência Atmosférica  
1,10 × 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020



Zona Glaciar  
1,10 x 1,90 m  
Monotipia, desenho e pintura  
Monotype, drawing and painting  
2020





ANA AMELIA GENIOLI

Lives and works in São Paulo

#### EDUCATION

- 2014 Ph.D. in Communication and Semiotics at PUC-SP, São Paulo, SP
- 2005 MA in Communication and Semiotics at PUC-SP, São Paulo, SP
- 1986 Architecture and Urbanism degree from FAU-PUC, Campinas, SP

#### SOLO EXHIBITIONS

- 2018 "Mapas para desorientar" – Estúdio Manzana K, Bogotá
- 2016 "Escrituras da Água" – Galeria Eduardo Fernandes, São Paulo, SP
- 2013 "corpo-não-objeto" – Galeria Eduardo Fernandes, São Paulo, SP
- 2009 "Inventando Corpus" – Galeria Eduardo Fernandes – São Paulo, SP
- 2006 "Per.médio, Pertinência, Per.ái" – Galeria Eduardo Fernandes – São Paulo, SP
- 2002 "Vitrine" – SESC Paulista – São Paulo, SP

#### GROUP EXHIBITIONS

- 2018 "Globalizing Mokuhanga" – Art-Trofi Gallery – Moscow, RU
- 2018 "Prende Corps" – Centre Culturel Brésil – Paris, FR
- 2017 "MI-LAB Prints" – Chiyoda Arts Center – Tóquio, JP
- 2015 "Plural" – Galeria Eduardo Fernandes – São Paulo, SP
- 2014 "Fluidez – do líquido ao sólido atual" – Galeria Eduardo Fernandes – São Paulo, SP
- 2010 "66 x 96" Paço das Artes – Cidade Universitária – São Paulo, SP
- 2009 "Em Movimento" – Galeria Eduardo Fernandes – São Paulo, SP
- 2007 "Contemporâneos" – Galerie Sycomore Art – Paris, FR
- 2005 "Ocupação" Paço das Artes – Cidade Universitária – São Paulo, SP
- 2004 "Uma viagem de 450 anos" – SESC Pompéia – São Paulo, SP

#### BOOKS

Book of the Collection of TV Cultura

Book of the Collection of Paço das Artes, São Paulo

Identidade[s] – A produção da diferença em Arte Contemporânea – Author

#### ARTISTIC RESIDENCIES

Art residency program of BANFF Centre for Arts and Creativity – Canada  
[19th September to 19th October, 2019]

Art residency program of Universidad Nacional de Colombia  
[1st November to 30th November 2018]

NES Artist Residency – Skagaströnd, Islândia  
[1st May to 30th June 2016]

MI-LAB Mokuhanga Innovation Laboratory – Katsuyama, Japão  
[October 20th to November 25th, 2017]

Exposição: des.norte  
Ana Amélia Genioli

10 desenhos, 1 bússola e um poema bordado

Galeria Eduardo Fernandes  
São Paulo - SP  
2020

Assistentes de produção  
Diego Contreras Novoa  
Ana Cordani  
Bianca Chusyd  
Andrés Suárez

Curadoria  
Ana Roman  
Eduardo Fernandes

Produção do catálogo  
Tatiana Farias

Design Flávia Castanheira  
Fotografia Durvile Cavalcanti

Todos os trabalhos: Ana Amélia Genioli  
Todos os textos: os autores

Copyright © 2020 de Ana Amélia Genioli

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida, ou usada de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor.  
[www.anagenioli.com](http://www.anagenioli.com)

